

DO CAOS AO AMOR VERDADEIRO

por Gabriel Guimarães

Dedicatória

Para a Joana, que fez um garoto inseguro aprender o que é o amor verdadeiro.

PRÓLOGO

Quando eu penso na nossa história, não consigo ver só um namoro. Vejo fases, versões diferentes de nós dois, quase como se fossem dois relacionamentos vivendo dentro do mesmo. Tudo começou muito antes de a gente se chamar de namorados. Começou lá atrás, no 8º ano, quando eu sequer imaginava que a menina que sentava atrás de mim um dia seria a pessoa mais importante da minha vida.

Eu não quero contar essa história como um conto de fadas perfeito, porque não foi. Teve medo, distância, erros, queda, término, ciúme, insegurança. Mas também teve abraço, dança, promessa de dedinho, começo, fim e recomeço. E é justamente por isso que eu chamo isso de amor verdadeiro: porque ele não nasceu pronto, ele foi construído no caos.

Essa é a nossa história até aqui.

CAPÍTULO 1 — 8º ANO: QUANDO TUDO COMEÇOU SEM QUE EU PERCEBESSE

No começo do 8º ano, você era “só” mais uma colega de sala. Eu tinha acabado de voltar para Itajaí, tentando me acostumar com a escola nova, com as pessoas novas, com a rotina nova. Eu sentava, assistia aula, dava umas risadas com o pessoal, e era isso. Eu não reparava muito em você. Pelo menos não de um jeito diferente.

Com o tempo, por alguma dessas coincidências que só a vida explica, eu passei a sentar na cadeira da frente da sua. Começamos a conversar mais. Nada muito profundo no começo: comentários sobre aula, alguma piada, algum “tu viu tal coisa?”. Só que, aos poucos, algo começou a mudar dentro de mim.

Eu não sabia dar nome para o que eu sentia. Só sabia que gostava quando você puxava assunto, que meu corpo reagia diferente quando você ria atrás de mim, que eu prestava atenção na sua voz sem perceber. Não foi um raio caindo na minha cabeça. Foi uma faísca que foi crescendo, devagar, até virar fogo.

Foi ali, perto do final do 8º ano, que eu senti pela primeira vez algo que eu nunca tinha sentido por ninguém. E eu não fazia ideia do tamanho que aquilo ainda ia tomar.

CAPÍTULO 2 — 9º ANO: A PAIXÃO SILENCIOSA

Eu levei esse sentimento para o 9º ano inteiro. Não foi algo que passou nas férias, não foi uma fase estranha que sumiu quando as aulas recomeçaram. Pelo contrário: quando te vi de novo na mesma sala, foi como se tudo ficasse mais nítido. Eu já não conseguia mais fingir para mim mesmo que era “só amizade” ou “só simpatia”. Eu estava apaixonado.

Era uma paixão silenciosa. Você vivia a sua vida, falava com amigos, ria no fundo da sala, se jogava nos trabalhos da escola. Eu, do meu lado, observava, sentia, imaginava, mas não falava nada. Eu nunca tinha ficado com ninguém. Nunca tinha me interessado de verdade por outra pessoa. Você foi minha primeira vez em tudo isso, até na forma como eu comecei a me enxergar: como alguém que podia, talvez, ser o “alguém” de alguém.

Eu lembro de pensar coisas simples, mas que pesavam: “Será que um dia ela vai me ver diferente? Será que um dia ela vai saber o que eu sinto? Será que eu vou ter coragem de fazer alguma coisa?”. Ao mesmo tempo, eu não acreditava que realmente pudesse acontecer algo entre nós. Parecia coisa de filme, de história que a gente inventa na cabeça para dormir.

Mas o que era só um pensamento foi virando certeza: eu gostava de você. E eu não conseguia gostar de mais ninguém.

CAPÍTULO 3 — O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO: A MESMA SALA, O MESMO SENTIMENTO

A gente foi para o 1º ano do Ensino Médio e continuou na mesma sala. Era estranho e perfeito ao mesmo tempo. Estranho porque eu estava cada vez mais envolvido em algo que você nem fazia ideia. Perfeito porque eu te via todos os dias.

A gente tinha amigos em comum, dividia momentos em grupo, ria das mesmas coisas. Por fora, tudo parecia normal. Mas por dentro, cada olhar seu tinha um peso diferente para mim. Eu reparava no jeito que você mexia no cabelo, na forma como você falava das coisas que gostava, no brilho do seu olho quando ria de verdade.

Eu continuava preso entre dois extremos: de um lado, a vontade enorme de falar tudo; do outro, o medo gigante de estragar qualquer coisa entre nós. Então eu ficava quieto. Guardando. Esperando uma oportunidade que nunca parecia certa.

Até que veio a festa.

CAPÍTULO 4 — A FESTA QUE QUASE MUDOU TUDO

A festa de aniversário em junho de 2024 foi um marco, mesmo sem nada ter acontecido de fato entre a gente naquele dia. Eu fui sem muitas expectativas reais, mas, lá no fundo, queria que algo acontecesse entre nós. Era aquele misto de “não espero nada” com “espero tudo”.

Lá estavam meus amigos: o Berdinhas, o Igor e o Dudu. Eles sabiam que eu nunca tinha ficado com ninguém e, como bons amigos adolescentes, decidiram que aquilo precisava mudar naquela noite.

— Hoje tu vai ficar com alguém, nem que seja na marra — eles praticamente decretaram.

Eu ria, negava, dizia que não precisava, que estava de boa. Por dentro, eu pensava uma coisa só: “Se for com ela, eu vou”. Uns dez minutos depois, eles voltaram com uma bomba:

— A Joana quer ficar contigo.

Naquele momento, foi como se o tempo tivesse congelado. Eu senti meu coração disparar, meu corpo gelar. Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo, de verdade. Era um choque tão grande entre a imagem que eu tinha de mim e a possibilidade de você me querer que eu simplesmente travei.

Eu não fiz nada. Não cheguei em você. Não perguntei se era verdade. Não me movi.

Tempos depois, eu descobriria que, na verdade, aquilo era mentira. Eles não tinham falado com você, não tinham arrumado nada. E, por mais que isso pareça ruim, foi quase um alívio pensar que eu tinha escapado de um fora da menina que eu mais gostava no mundo.

Mas aquela noite mexeu comigo. Foi ali que eu entendi que eu não conseguia ficar empurrando esse sentimento para sempre. Ou eu fazia alguma coisa, ou ia ficar preso na dúvida para sempre.

CAPÍTULO 5 — A PRIMEIRA MENSAGEM

Eu cheguei em casa umas três da manhã, com a música ainda ecoando na cabeça, mas a única cena que não saía da minha mente era aquela frase: “A Joana quer ficar contigo”. Eu sabia que não era verdade, mas só o fato de ter imaginado essa possibilidade mexeu comigo num nível que eu não estava preparado.

Deitei na cama e entendi que eu não ia conseguir dormir sem falar com você. Não dava mais para continuar só na minha cabeça. Então mandei mensagem. Não foi uma declaração nem nada, foi uma tentativa de aproximação:

“Na semana dos jogos internos a gente podia conversar.”

Era pouco, mas era o máximo que eu conseguia naquele momento. Na prática, não conversamos nada na tal semana e isso ficou de lado. Só que o sentimento não ficou de lado. Ele continuou crescendo em silêncio, como sempre fez.

Passaram-se uns dois meses. E aí eu percebi que não dava mais para adiar.

CAPÍTULO 6 — 20 E 21 DE SETEMBRO: O TUDO OU NADA

Chegou um dia em que eu entendi, de verdade, que ou eu arriscava tudo ou ia passar o resto da vida me perguntando “e se?”. Esse dia foi 20 de setembro de 2024. Eu estava nervoso como nunca tinha estado antes. Escrevi a mensagem que, de certa forma, mudaria tudo:

Eu disse que ainda gostava de você. Que aquele sentimento não tinha passado desde o final do 8º ano. Que, se você quisesse, a gente podia tentar alguma coisa.

Eu mandei a mensagem por volta de 22h30. Estava tão ansioso, tão nervoso, que, depois de apertar “enviar”, eu literalmente fui dormir. Era como se o sono fosse a única maneira de escapar da ansiedade.

Quando acordei cedo no dia seguinte, por causa de um amistoso de vôlei, a primeira coisa que fiz foi olhar o celular. Você tinha respondido. Eu não podia acreditar. Li suas respostas, tentei assimilar tudo e, no meio da adrenalina do jogo, respondi de volta. Por volta das 10 da manhã, a gente alinhou tudo.

É por isso que eu sempre digo que a nossa história começou mesmo no dia 21 de setembro. Porque foi nesse dia que, oficialmente, nós dois decidimos tentar.

Quando você disse que a gente podia tentar, foi o sentimento mais surreal do mundo. Era como se tudo que eu tinha sonhado desde o final do 8º ano estivesse finalmente se tornando realidade. Eu estava feliz, aliviado e, ao mesmo tempo, completamente incrédulo. Depois de tanto tempo em silêncio, de tanta dúvida, a resposta era “sim”.

CAPÍTULO 7 — SETEMBRO A DEZEMBRO: O PRIMEIRO CAPÍTULO DO NOSSO NAMORO

O começo foi estranho, e eu não tenho vergonha nenhuma de admitir isso. Era minha primeira experiência em tudo: primeiro namoro, primeiros beijos, primeiros abraços que realmente significavam algo. Eu era péssimo conversando, travado, sem saber o que fazer, cheio de medo de estragar tudo.

Demoramos para ter o primeiro encontro fora do ambiente da escola, e isso foi muito por erro meu, por falta de atitude, insegurança. Mas, aos poucos, a gente foi encontrando o nosso ritmo. Eu amava o sorriso bobo que você fazia, os abraços apertados, a forma como você me olhava. E, junto com isso, vinha o medo de não dar certo. Às vezes eu me pegava pensando: “Será que eu vou conseguir ser tudo o que ela merece?”.

Foi nesse período que aconteceu uma das cenas mais importantes da minha vida: a primeira apresentação de dança sua que eu assisti.

Eu lembro de chegar no lugar, de te ver se preparando, de observar cada detalhe, nervoso como se fosse eu quem fosse entrar no palco. Quando a música começou e você começou a dançar, eu tive certeza de uma coisa: eu nunca tinha visto alguém tão bonita. Não era só por

fora. Tinha algo no jeito que você se movia, na confiança, na entrega. Eu olhava e pensava: “Como é que eu tive tanta sorte?”.

Quando a apresentação acabou, você me viu. E veio correndo na minha direção. Me abraçou forte, me deu um beijo. A gente se olhou por alguns segundos que pareceram uma eternidade. Foi ali, exatamente ali, que eu percebi que já não era só um crush, nem uma paixão, nem um interesse forte.

Eu amava você.

Lembro de chegar em casa naquela noite com uma sensação estranha de paz e euforia ao mesmo tempo. Deitar na cama e pensar: “Eu amo ela de verdade”. E não tive mais dúvida disso desde então.

CAPÍTULO 8 — JANEIRO E FEVEREIRO DE 2025: AMOR, ROTINA E PESOS INVISÍVEIS

Entrando em 2025, nosso relacionamento ainda era muito bom por fora. A gente se falava, trocava carinho, mantinha a conexão que tinha construído no fim do ano. Mas, olhando hoje com mais maturidade, eu vejo que, por dentro, algumas coisas já começavam a se organizar para mais tarde desandar.

Você carregava muitas coisas que não tinham a ver comigo, mas que impactavam diretamente a forma como você se sentia: problemas em casa, brigas pesadas, um histórico de discussões que você não deveria ter visto tão nova. Às vezes a gente conversava sobre isso, e você me contava de forma meio leve, meio irônica, como quem tenta deixar mais suportável aquilo que, na verdade, dói muito.

Eu, por outro lado, tentava ser o porto seguro. Tentava te ouvir, te acolher, te fazer rir, te tirar do peso que o mundo colocava em cima de você. Eu me sentia honrado por você confiar em mim, por dividir comigo coisas que você não contava para qualquer um. Ao mesmo tempo, eu não fazia ideia do quanto tudo aquilo te sugava por dentro.

Em janeiro e fevereiro, nosso relacionamento ainda era, majoritariamente, bom. Tinha carinho, tinha saudade, tinha cuidado. Mas também tinha uma semente de exaustão crescendo em você e uma semente de ansiedade crescendo em mim. E nenhuma das duas estava sendo tratada do jeito certo.

CAPÍTULO 9 — MARÇO DE 2025: OS PRIMEIROS SINAIS DE QUEDA

Março foi o mês em que os primeiros sinais começaram a ficar visíveis para mim. Não foi de uma vez. Não teve uma conversa marcante, um dia específico em que tudo mudou. Foram

pequenos detalhes, pequenas mudanças na forma como você se comunicava, na frequência das respostas, na energia que vinha nas conversas.

Às vezes você respondia mais curto. Às vezes demorava mais. Às vezes dizia que estava cansada, mas não se alongava muito. Às vezes fazia piada para escapar de algum assunto mais sério. Na época, eu não entendia nada disso. Eu só sentia.

E, como eu sentia que estava perdendo espaço, eu comecei a reagir do jeito que eu sabia, que era tentando compensar. Eu mandava mais mensagens, puxava mais conversa, tentava te arrancar de um silêncio que, hoje eu sei, era mais proteção do que desinteresse.

Por dentro, eu começava a ficar mais inquieto. Tinha dias em que eu olhava para o celular dezenas de vezes, esperando uma resposta sua. Me perguntando se eu tinha falado algo errado, se tinha feito algo que te magoou e eu não percebi. O silêncio começava a pesar.

CAPÍTULO 10 — ABRIL DE 2025: QUANDO EU PERCEBI QUE ESTAVA DESANDANDO

Foi em abril que eu realmente percebi que nosso relacionamento estava desandando. Não era mais só impressão. A distância não era mais só algo que eu sentia, era algo que estava ali, nas nossas conversas, nas nossas atitudes, no clima entre nós.

Você estava mais distante, mais calada, mais cansada. Eu tentava me aproximar, mas fazia isso da pior maneira possível: forçando. Mandando muitas mensagens, tentando te chamar atenção de qualquer jeito, insistindo em conversa quando você claramente não estava bem.

Eu me sentia cada vez mais insuficiente. Na minha cabeça, o problema era eu. Eu pensava que talvez eu não estivesse sendo bom o suficiente, interessante o suficiente, legal o suficiente, presente o suficiente. E, ao invés de respirar e tentar entender com calma, eu apertava ainda mais o passo.

Por dentro, eu já estava ansioso, chateado, confuso. Mas, curiosamente, eu ainda não tinha chorado. A dor estava se acumulando, silenciosa, esperando o momento de explodir.

CAPÍTULO 11 — MAIO DE 2025 E O TÉRMINO: QUANDO DOEU, MAS ALIVIOU

Em maio, nosso relacionamento já não parecia mais o mesmo. A conexão que a gente tinha no começo parecia distante, abafada por cansaço, insegurança, falta de comunicação. Eu continuava tentando segurar com força aquilo que parecia estar escapando pelos meus dedos, e isso só me deixava mais exausto.

O término veio como algo ao mesmo tempo avassalador e, de certo modo, libertador. Eu chorei naquele dia. Todo o choro que eu não tinha deixado sair antes saiu de uma vez. Doeu. Muito. Ver algo tão importante acabar não é fácil. Mas, ao mesmo tempo, uma parte de mim sabia que a gente já estava sofrendo há algum tempo, só não queria admitir.

Eu me senti culpado. Me senti pequeno. Me senti insuficiente. Pensava que eu tinha estragado tudo, que eu não tinha sabido ser o namorado que você merecia. Mas, ao mesmo tempo, por mais contraditório que pareça, eu sentia uma pontinha de alívio por não precisar mais fingir que estava tudo bem quando claramente não estava.

Mesmo assim, lá no fundo, um sentimento nunca me abandonou: a sensação de que a nossa história não tinha acabado ali. No dia do término, eu olhei nos seus olhos e prometi, de dedinho, que ainda ia casar com você. Podia parecer loucura, podia parecer infantil, mas para mim era só a forma mais sincera de dizer: “Eu ainda acredito na gente, mesmo que agora não seja o momento”.

CAPÍTULO 12 — A PRIMEIRA SEMANA SEM VOCÊ

A primeira semana depois do término foi a mais difícil de todas. Nada prepara a gente para o vazio que fica quando uma pessoa que fazia parte do nosso dia a dia de repente some daquele lugar. Era muito ruim ser distante de alguém com quem eu já tinha sido tão próximo, ainda mais porque a gente se via todos os dias na escola.

Eu entrava na sala e você estava lá. E, ao invés de ir até você, de te abraçar, de sentar do seu lado, eu seguia o roteiro invisível que o término impõe: finge costume, finge que está tudo bem, finge que não dói.

Eu pensava em você todo santo dia. Cada música, cada lugar, cada conversa com amigo puxava um pouco da sua imagem na minha mente. Ao mesmo tempo, eu tentava me convencer de que, se era para ser, seria. No fundo, eu sempre soube que existia uma chance de a gente voltar um dia. Não por carência, mas porque eu sentia que o que a gente tinha vivido não era descartável. Era real demais para simplesmente morrer ali.

CAPÍTULO 13 — O CIÚME, O VAZIO E A CERTEZA

Em meio a esse turbilhão, veio um dos sentimentos mais pesados: saber que você estava conversando com outra pessoa. Quando eu soube disso, foi como se o pouco de chão que eu ainda tinha sido arrancado.

Era um vazio com gosto amargo na boca, um estômago revirando, mil pensamentos passando ao mesmo tempo. Eu me perguntava se já tinham me substituído, se eu tinha sido só mais um, se aquilo tudo que eu sentia era unilateral. Era ciúme, dor, medo, tudo

misturado.

Mas, por mais que desse, isso não fez meu amor diminuir. Na verdade, só me mostrou o quanto eu realmente me importava.

Mesmo assim, em algum lugar dentro de mim, a certeza continuava ali. A certeza de que, se um dia a gente voltasse a se olhar com verdade, a história não seria a mesma. A certeza de que, se tivesse uma segunda chance, a gente não viveria uma repetição, mas um novo relacionamento.

CAPÍTULO 14 — A PRIMEIRA CONVERSA DEPOIS DO FIM

Quando finalmente voltamos a nos falar de verdade, foi como voltar a respirar depois de muito tempo debaixo d'água. A primeira conversa depois do término foi uma das sensações mais gostosas da minha vida. Não porque resolveu tudo de uma vez, mas porque abriu a porta que eu mais queria ver aberta: a porta da possibilidade.

Conversar com você de novo era tranquilizador e quente. Era como se a última peça do quebra-cabeça tivesse se encaixado de novo, como se algo dentro de mim dissesse: “Agora faz sentido de novo”.

Eu ainda tinha medo, claro. Medo de os erros se repetirem, medo de a gente voltar para o mesmo lugar ruim em que tinha terminado, medo de estragar tudo uma segunda vez. Mas, ao mesmo tempo, a felicidade de ter você de novo na minha vida era maior.

Aos poucos, pelas conversas, dava para sentir que você também estava diferente. Mais aberta, mais sincera, mais disposta a falar sobre o que sentia. Era como se nós dois tivéssemos passado por um processo de amadurecimento separados para, então, nos encontrar de novo mais prontos.

CAPÍTULO 15 — O NOVO NÓS

A diferença entre o “nós” de antes e o “nós” de depois foi perceptível desde o começo. Eu me sentia mais maduro, com mais entendimento das coisas, mais ciente dos meus erros e do que eu precisava fazer diferente. Você, por sua vez, parecia mais amorosa, mais carinhosa, mais atenta, mais presente.

Pela primeira vez, eu tive acesso a uma versão sua que nem no começo do nosso relacionamento eu tinha conhecido. Uma Joana que se preocupava de forma ativa comigo, que demonstrava, que dava atenção, que falava, que abria o coração.

A partir daí, nosso relacionamento não foi simplesmente uma continuação do que tinha acabado. Foi, de verdade, um novo começo.

CAPÍTULO 16 — A PROMESSA DE SER MELHOR

Teve um momento, em especial, que marcou essa nova fase de um jeito definitivo. Um dia em que eu, olhando para tudo que a gente tinha passado, decidi colocar em palavras o compromisso que já existia dentro de mim.

Eu te disse que queria ser um homem melhor para te merecer. Que ia pensar antes de agir. Que não ia repetir os mesmos erros. Que eu sabia tudo o que você já tinha passado, tudo que carregava emocionalmente, e que, em vez de ser mais um peso, eu queria ser abrigo.

Você acolheu isso. Você não jogou na minha cara o passado, nem desconsiderou o que eu estava dizendo. Você recebeu. Você acreditou. E isso, para mim, foi uma das maiores provas de que aquilo que a gente vivia já não era mais um namoro adolescente qualquer.

CAPÍTULO 17 — O AMOR DEPOIS DO CAOS

Tudo o que a gente viveu deixou uma marca enorme em mim. E não foi uma marca de trauma, e sim de construção. A gente errou. A gente se desencontrou. A gente deixou o relacionamento cair. Mas também teve a coragem de olhar para isso, admitir que doeu, entender o que não funcionava e fazer diferente.

Nós amadurecemos e mudamos muito um pelo outro. E isso, para mim, é uma das maiores provas de amor que existem: a disposição de se tornar alguém melhor não só por si mesmo, mas também por quem se ama.

Hoje, quando olho para trás, eu não me arrependo do que a gente passou. Se o nosso relacionamento atual é tão bom, é justamente graças aos erros do passado. Graças à dor que nos obrigou a enxergar o que estava errado. Graças ao vazio que mostrou o quanto a presença importava.

Essa é a nossa história até agora. Não é uma história perfeita. É uma história real. E é por isso mesmo que, para mim, ela é tão bonita.

Do caos, a gente chegou ao amor verdadeiro.